
A Fofoca como Prática Discursiva: Poder, Identidade e Exclusão no Caso Nancy Kerrigan e Tonya Harding¹

Sarah Monteiro AMORIM - UNIVALE²
Lucas do Vale Braga ALEXANDRE - UNIVALE³
Deborah Luísa Vieira dos SANTOS - UNIVALE⁴

Resumo

Através da análise semiótica discursiva, introduzida por Fontanille, o artigo busca compreender o impacto do discurso da fofoca na construção de pertencimento e exclusão, bem como sua função como prática discursiva em comunidades contemporâneas. Este trabalho se concentra na análise de duas manchetes do *New York Daily News* que cobriram o ataque físico no qual a patinadora Nancy Kerrigan foi vítima em rede nacional, em 1994. A culpa foi atribuída a outra patinadora Tonya Harding, devido a boatos e inimizades que circulavam na época. O objetivo é examinar como essas manchetes apresentaram o ocorrido, considerando os elementos discursivos, visuais e narrativos que contribuíram para a construção de suas imagens para o público.

Palavra-chave: Comunicação e Sociedade; Poder; Jornalismo; Fofoca; *New York Daily News*.

Introdução

Historicamente, a fofoca tem sido marginalizada como forma inferior de comunicação, frequentemente associada ao universo feminino e à futilidade (Federici, 2019). No entanto, estudos antropológicos e históricos, como de Silveira (2014) ou de Kapferer (1993) demonstram que essa prática comunicacional possui raízes profundas nas formas de sociabilidade humanas, especialmente nas primeiras formas de sociedade, onde o compartilhamento de narrativas se torna central para a construção de vínculos e para a regulação da vida coletiva, na construção de identidades, na regulação de condutas sociais e na manutenção de dinâmicas de poder simbólico.

¹ Trabalho apresentado no IJ06 – Comunicação e Interfaces, do 25º Encontro dos Grupos de Pesquisas em Comunicação, evento componente do 48º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

² Bacharelanda em Publicidade e Propaganda na Universidade Vale do Rio Doce (UNIVALE), bolsista voluntária de Iniciação Científica no projeto de pesquisa “Princesas do Vale: memórias de territórios e sociabilidades LGBTQIAPN+ em Governador Valadares”, da UNIVALE. E-mail: sarah.amorim@univale.br.

³ Graduando em Design Gráfico na Universidade Vale do Rio Doce (UNIVALE), graduado em Jornalismo pela UNIVALE. Bolsista voluntário de Iniciação Científica no projeto de pesquisa “Princesas do Vale: memórias de territórios e sociabilidades LGBTQIAPN+ em Governador Valadares”, da UNIVALE. E-mail: lucas.alexandre@univale.br.

⁴ Orientadora do trabalho. Doutora e Mestra em Comunicação pelo PPGCOM-UFJF. E-mail: deborah.santos@univale.br.

O ataque ocorrido em 1994 contra a patinadora Nancy Kerrigan e sua conexão com Tonya Harding representam um dos maiores escândalos esportivos do século XX, sendo também um exemplo sobre o papel da fofoca na construção de narrativas midiáticas e na formação da opinião pública. Inseridas no universo da patinação artística, um esporte historicamente marcado por exigências estéticas e disciplinares rígidas, as atletas tornaram-se arquétipos. O ataque ocorreu em 6 de janeiro de 1994, quando Shane Stant atingiu o joelho de Nancy Kerrigan com uma barra de ferro após um treinamento para o Campeonato Nacional de Patinação. As investigações revelaram que o crime foi planejado por Jeff Gillooly, então marido de Tonya Harding. Embora Harding tenha negado envolvimento direto no planejamento da agressão, posteriormente admitiu ter tomado conhecimento do ocorrido após sua execução, o que a colocou no centro de uma intensa cobertura midiática e da consequente deterioração de sua reputação.

Este artigo propõe uma análise da fofoca como meio de comunicação, através do recorte de duas manchetes do *New York Daily News* sobre o ataque de 1994, utilizando a semiótica discursiva, conforme as perspectivas de Fontanille (2007) e o método do percurso gerativo de sentido que se divide em estruturas fundamentais, narrativas, e discursivas. Espera-se compreender como a fofoca participou na construção das figuras de Tonya e Nancy, destacando aspectos de vilanização e vitimização frequentemente associados a narrativas midiáticas sobre mulheres. O estudo também busca evidenciar como o discurso veiculado nessas manchetes podem interpretar as dinâmicas socioculturais, revelando as formas pelas quais o discurso e a fofoca contribuem para a produção e reprodução de significados em torno de questões de moralidade, gênero e poder.

Fofoca é Comunicação?

A análise da fofoca como meio de comunicação e prática discursiva utiliza a concepção de boatos apresentada por Kapferer (1993), que os define como a mais antiga forma de mídia, atuando como uma teia social que dissemina informações plausíveis, ainda que não verificadas. Considera-se também a função reguladora da fofoca, que reforça laços comunitários e normas sociais, conforme destacado por Silveira (2014).

Para compreender a dimensão histórica e política da fofoca, recorre-se à visão de Federici (2019), que associa a estigmatização dessa prática à repressão da oralidade feminina e ao fortalecimento do controle patriarcal. A noção de poder simbólico de Bourdieu (1989) compreende como a fofoca pode reforçar ou contestar hierarquias sociais, enquanto a teoria da performatividade do discurso, conforme Butler (2021), segundo o qual o discurso não apenas representa, mas produz realidades, moldando identidades e legitimando relações de poder. Complementam-se essas perspectivas com os conceitos de governamentalidade e microfísica do poder (Foucault, 2009) e de identidade cultural como construção híbrida (Hall, 2006), reforçando a compreensão da fofoca como prática social vinculada ao controle social, à construção da realidade social conforme Berger e Luckmann (2007) e aos processos de exclusão.

Fofoca e Gênero

Silvia Federici (2019) evidenciam uma mudança em como as fofocas são percebidas na sociedade, destacando a relação entre o controle da fala feminina e a perpetuação das estruturas patriarcais. Ao desqualificar práticas de comunicação informal entre mulheres, o patriarcado não apenas deslegitima formas de organização coletiva, mas também enfraquece mecanismos de resistência social. Compreender as raízes históricas dessa desvalorização é importante para enfrentar os estigmas que persistem e para resgatar a oralidade feminina enquanto ferramenta de transformação social.

A autora ainda estabelece um vínculo entre esse processo histórico e as expressões contemporâneas de violência contra mulheres, em destaque mulheres negras e proletárias, cujos corpos e vozes permanecem como alvos de exclusão e opressão. Sua análise reforça a necessidade de que a luta feminista incorpore a valorização de práticas tradicionais de comunicação e solidariedade, posicionando-as como elementos centrais na resistência ao capitalismo patriarcal e às suas dinâmicas excludentes. Logo, o ato de “fofocar” ganha um novo sentido na construção social da nossa realidade.

Na Idade Média, *gossip* derivada dos termos arcaicos *god* (Deus) e *sibb* (parentesco), referindo-se inicialmente à madrinha ou ao padrinho de batismo, que mantinham um laço espiritual com a criança. Com o passar do tempo, especialmente no

século XIV, o termo evoluiu para designar conversas informais, frequentemente focadas em terceiros, consolidando-se como um sinônimo para a troca de informações sobre a vida alheia. Essa transformação está ligada às práticas sociais da época, como reuniões femininas em torno de eventos de grande significância, como os partos, onde histórias e informações eram compartilhadas. Tal prática reflete a socialização feminina, necessária para a organização da vida coletiva nas classes populares da época (Federici, 2019).

Esse significado, entretanto, começou a mudar durante a transição para a modernidade, quando o capitalismo em ascensão e a imposição de normas patriarcais buscaram desarticular as redes de solidariedade feminina. Nesse sentido, a caça às bruxas nos séculos XV e XVI, onde mulheres eram acusadas de bruxaria, majoritariamente através de rumores e boatos, desempenhou um papel significativo na desconstrução das amizades femininas (Federici, 2019). O termo *gossip*, antes símbolo de apoio mútuo, foi transformado em uma expressão pejorativa associada a conversas fúteis e maliciosas. Acredita-se ainda, que tal mudança seja parte de uma estratégia maior de controle patriarcal e exclusão das mulheres dos espaços públicos, consolidando a subordinação feminina.

A transformação de *gossip* em algo depreciativo ocorreu paralelamente ao fortalecimento da autoridade masculina dentro do lar e ao isolamento das mulheres. Mudança que refletia o enfraquecimento das redes femininas de apoio e o enraizamento de uma ideologia que associava as mulheres à subordinação, tanto na esfera pública quanto privada da época (Federici, 2019). Contudo, a fofoca, mesmo ressignificada, manteve seu potencial de resistência. Em várias culturas, as mulheres continuaram a usar a oralidade como ferramenta para transmitir conhecimento, preservar memórias e construir identidades coletivas. Este caráter subversivo da fofoca desafia a visão hegemônica que a associa apenas a algo negativo e sem relevância.

Metodologia

Este estudo adota uma abordagem exploratória para investigar como a fofoca é percebida, praticada e narrada em diferentes contextos socioculturais. A pesquisa utiliza da perspectiva de Fontanille (2007), em sua aplicação da semiótica discursiva e o percurso gerativo de sentido, na qual possibilita analisar e compreender a estrutura

narrativa dos exemplos apresentados, uma vez que a interpretação de signos e linguagem possibilita investigar como os discursos de poder associados à fofoca moldam identidades e reforçam hierarquias sociais.

O percurso de sentido é onde o sentido é construído de forma progressiva, através de uma sequência de "patamares" que permitem a compreensão e interpretação do texto. Esse percurso é uma trajetória de construção de significados, na qual o sentido não é dado de uma vez, mas sim se revela de forma gradual e estruturada. Esse percurso pode ser descrito em três níveis ou "patamares", que se relacionam de maneira hierárquica e progressiva: As estruturas fundamentais, as narrativas, e as discursivas.

O *corpus* analisado consiste em duas manchetes do jornal *New York Daily News*, publicadas após o ataque à patinadora Nancy Kerrigan em 1994, que retrataram o ataque e a suposta participação de Tonya Harding.

Análise e principais resultados

Ao se basear na semiótica discursiva como ferramental teórico-metodológico de análise dos discursos selecionados, é necessário considerar os mecanismos de produção de sentido que operam nas materialidades expressivas, nas figuras temáticas e nos planos de conteúdo, conforme proposto por Fontanille (2007). Nessa perspectiva, a análise não se restringe à observação das mensagens explícitas, mas investiga as configurações de sentido que emergem da articulação entre enunciador, enunciatário e as formas de inscrição do sujeito no discurso midiático.

A primeira notícia (Imagem 2), publicada em 7 de janeiro de 1994, apresenta a frase "*Why Me? Maniac attacks Olympic skater*", acompanhada da imagem de Kerrigan chorando. A escolha da linguagem e da fotografia reforça a vitimização da atleta (nível fundamental), evocando empatia e uma condenação moral implícita. Embora não cite diretamente Harding, a manchete sugere, através de boatos preexistentes, sua responsabilidade, reforçando um binarismo clássico também presente no nível fundamental.

Imagem 2 - Manchete do *New York Daily News* no dia 7 de janeiro



Fonte: The Washington Post (1994).

Inocente *versus* Vilã - Perfeição *versus* Maníaco, oposições semânticas básicas do nível fundamental deste discurso. Embora a manchete e a imagem não acusem diretamente Tonya Harding de envolvimento no planejamento do ataque, ambas reforçam a narrativa de um ato brutal e calculado criando assim, o nível narrativo, articulando-se com estigmas previamente associados à atleta, em grande parte alimentados por especulações acerca de sua trajetória pessoal e profissional. A simplicidade linguística da manchete cumpre uma função estratégica, carregada de significados simbólicos, ao mobilizar o julgamento público, que até o momento era apenas baseado em rumores. Trata-se da maneira superficial em que a informação foi apresentada, gerando assim o nível discursivo no percurso gerativo de sentido. Nesse cenário, a fofoca desempenha o papel de um conhecimento pré-textual que molda a interpretação da notícia, elevando a linguagem ao nível de discurso devido à subjetividade da mensagem e o contexto social.

Segundo Fontanille (2007), os sentidos são construídos por meio de dispositivos semióticos que envolvem a plasticidade visual, os regimes de crença e os contratos de veridicção. A simplicidade linguística da manchete cumpre, assim, uma função estratégica, carregada de significados simbólicos, ao mobilizar o julgamento público, que até o momento era apenas baseado em rumores. A fotografia, ao registrar o momento de vulnerabilidade de Kerrigan, opera como um gesto enunciativo que fortalece o ethos da vítima e legitima a versão implícita dos fatos.

Já a segunda manchete (Imagem 3), de 25 de fevereiro de 1994, afirma “*A Perfect Lutz, A Total Klutz*”. Aqui, o contraste entre a perfeição técnica de Kerrigan e a

"desajeitada" Harding evidencia estigmas relacionados à rumores sobre a origem socioeconômica e à estética da atleta.

Imagem 3 - Manchete do *New York Daily News* no dia 25 de fevereiro



Fonte: The Washington Post (1994).

As oposições semânticas básicas do nível fundamental aqui são, técnica perfeita *versus* Imperfeição - Adequação social *versus* Incompetência. O uso da frase “*Total Klutz*” funciona em dois níveis complementares. No nível narrativo, ela sugere uma desqualificação técnica, uma acusação que se torna inconsistente frente às conquistas de Harding, mas que é usada para desmoralizá-la, conforme o nível discursivo. A frase reforça os rumores de que Harding não se adequava aos padrões estéticos e expectativas financeiras e de conduta no universo da patinação artística, que privilegia não apenas a técnica, mas também a conformidade a normas de feminilidade idealizadas e a códigos de comportamento ligados à classe social conforme o apresentado no nível fundamental. Tal contraste entre Kerrigan e Harding reflete hierarquias e expectativas de gênero na cultura da época. A forma como as atletas são representadas ao público, a mensagem superficial recebida conforme o nível discursivo do percurso gerativo de sentido, não apenas idealiza a vítima do ataque, mas também vilaniza a figura com menor poder simbólico.

De acordo com os postulados da semiótica discursiva, esse discurso funciona como um processo de tematização e axiologização, no qual as figuras associadas a Harding são reiteradamente negativadas, enquanto as de Kerrigan são elevadas. Os planos de expressão e de conteúdo se articulam para construir a oposição entre heroína e vilã, reforçando um sistema de valores que ultrapassa o universo esportivo e se ancora em padrões culturais de gênero e classe. A repetição desses contrastes constrói uma

cena enunciativa hierárquica, que confere à mídia o poder de legislar sobre a legitimidade das identidades públicas.

O discurso midiático, ao narrar a rivalidade entre as patinadoras, estrutura-se por meio de uma lógica binária que limita as possibilidades simbólicas de representação das identidades femininas. Essa dualidade opera como ferramenta ideológica que legitima certos atributos culturais (como classe, aparência e comportamento), evidenciando o funcionamento do poder simbólico nas narrativas midiáticas. A construção das personagens é reforçada pelo uso da fofoca como forma de conhecimento e mecanismo de controle discursivo. A fofoca, nesse contexto, atua não apenas como especulação social, mas como meio de produção e circulação de significados que afetam diretamente a percepção pública. Nas redes sociais, essa lógica é potencializada pela fragmentação das interações e pela ausência de verificação, o que torna a narrativa ainda mais suscetível à manipulação simbólica. Assim, a oposição simplificada entre heroína e vilã contribui para a reprodução de discursos que reduzem a complexidade identitária das figuras públicas e naturalizam hierarquias sociais.

Portanto, o estudo evidencia que a fofoca, como conhecimento pré-textual, condicionou a interpretação pública das manchetes, alimentando estereótipos, simplificando a narrativa e impactando diretamente a reputação e a trajetória das atletas. Além disso, demonstra como a mídia, ao explorar tais boatos, atua como agente de poder simbólico, moldando identidades públicas, especialmente femininas, com base em arquétipos morais e estéticos consagrados socialmente.

Considerações Finais

O estudo evidencia que o discurso da fofoca, mesmo não institucionalizado, é capaz de exercer poder ao articular linguagem, emoção e julgamento moral, configurando-se como parte do processo de produção de realidades sociais. Ao transformar rumores em narrativas legitimadas, a mídia amplia o alcance das fofocas, consolidando-as como ferramenta de exclusão e controle. Assim, o artigo traz a reflexão sobre o papel da linguagem e do discurso na construção da verdade pública e na definição de quem pode ou não ser socialmente aceito.

Referências

- BERGER, P. L.; LUCKMANN, T. **A construção social da realidade: tratado de Sociologia do Conhecimento**. 27. ed. Petrópolis: Vozes, 2007.
- BOURDIEU, P. **O poder simbólico**. Tradução de Fernando Tomaz. Rio de Janeiro: Editora Bertrand Brasil, 1989.
- FEDERICI, S. **Mulheres e caça às bruxas**. [s.l.] Boitempo Editorial, 2019. - capítulo: A Historia oculta da fofoca
- FONTANILLE, Jacques. **Semiótica do discurso**. São Paulo: Contexto, 2007.
- FOUCAULT, M.; MACHADO, R. **Microfísica do poder**. Rio De Janeiro: São Paulo, 2009.
- HALL, S. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Rio De Janeiro (Rj): Dp & A, 2006.
- KAPFERER, J. **Boatos: o mais antigo mídia do mundo**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1993. Trad. Ivone da Silva Ramos Maya.
- SILVEIRA, Guilherme Britto. **A fofoca além do senso comum: suas funções e importância social**. 2014. 55 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Comunicação - Habilitação em Publicidade e Propaganda) - Escola de Comunicação, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2014.